

**O TELEJORNAL POLICIAL CORREIO VERDADE E AS FORMAS DE  
EXPERIMENTAR O COTIDIANO NA MÍDIA**

**Jocélio de Oliveira<sup>1</sup>**

**Resumo:**

O texto reflete sobre as relações entre as audiências e o telejornal policial Correio Verdade, da TV Record na Paraíba. A discussão se baseia nos conceitos de consumo cultural (CANCLINI, 1995) e experiência (DEWEY, 2010) para abordar o problema por meio de quatro eixos: visões sobre o telejornal, violência urbana, política e família. Busca-se perceber como os juízos sobre esses temas vinculam público e programa, a partir do discurso que este encaminha. Os resultados são parciais, referentes a uma pesquisa de mestrado em andamento. Nesta etapa, duas famílias foram acompanhadas enquanto assistiam o telejornal. Foram feitas entrevistas com os interlocutores, cujas respostas baseiam a análise deste artigo.

**Palavras-chave:** Experiência. Consumo cultural. Cotidiano. Telejornalismo policial. Correio Verdade.

**Introdução**

Abordamos nesse texto algumas razões pelas quais o público consome telejornais com conteúdos exclusivamente policiais e de reportagens sobre violência urbana. Tais apontamentos são resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento. Em ambos os trabalhos nosso foco é na relação entre as audiências e o telejornal Correio Verdade, da TV Correio, emissora filiada à Rede Record na Paraíba. Ele detém a maior audiência no horário do almoço na capital do Estado<sup>2</sup>.

A identificação dos motivos do público foi realizada a partir da inserção do pesquisador do ambiente da recepção de duas famílias do bairro de Mandacaru<sup>3</sup>. O bairro se situa numa área periférica de João Pessoa e que apresenta alguns dos mais altos índices de

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [oliveira.jocelio@gmail.com](mailto:oliveira.jocelio@gmail.com). Bolsista Capes.

<sup>2</sup> De acordo com dados divulgados pela própria emissora em maio de 2013, o programa aparece com 51,38% pontos percentuais.

<sup>3</sup> Até o fim da pesquisa de mestrado, quatro famílias devem ser acompanhadas.

homicídios da cidade<sup>4</sup>. Acompanhamos seus hábitos de consumo midiático, durante um mês em cada residência, ao longo dos meses de abril e maio de 2014.

A opção por trabalhar com famílias se deu por dois motivos prioritários: 1) o apresentador do telejornal, Samuka Duarte, constantemente se apresenta como um defensor da família paraibana, como justificativa para o discurso sobre o crime emitido por ele; 2) a família aparece como uma das mediações apresentadas por autores como Barbero e Canclini ao proporem as bases da teoria da recepção, que subjaz nossa pesquisa. Queremos perceber se esses grupos realmente se sentem representados pelo programa e seu apresentador.

Para o desenvolvimento da pesquisa acionamos uma série de técnicas metodológicas típicas e próprias da etnografia (observação participante, entrevistas, registro fotográfico e anotações no diário de campo), com o objetivo de compor uma ‘interpretação da cultura’ das famílias acompanhadas. Embora se trate de ‘apenas’ dois grupos familiares, acreditamos que com base num olhar antropológico é possível tirar algumas lições.

O que se coloca é uma noção de “totalidade” (MAGNANI, 2009), que significa pensar os atores sociais, os interlocutores, não como seres isolados, mas como indivíduos que fazem usos da cidade e trocam experiências nos diversos ambientes pelos quais transitam. Evitando, contudo, pensar que essa ideia de totalidade possa de fato representar um “todo” fechado e completo.

Trata-se do que Maffesoli (1995) vai chamar de “estilo” cotidiano, ou seja, pensar que é possível identificar uma série de características de uma época (formas de pensar, agir, juízos estéticos, etc.), a partir das ações do dia a dia. Pensar que estas são praticadas individualmente, diariamente, podem dar a ver hábitos e valores para além deles mesmos. O autor acredita ainda que esse estilo pode ser cristalizado numa pessoa, como representante desse jeito de estar no (e) sobre o mundo, a exemplo de um apresentador de televisão, ou um político, uma estrela de cinema, etc.

---

<sup>4</sup> Segundo levantamentos disponibilizados pela Secretaria de Estado de Segurança e da Defesa Social, o bairro chegou a ocupar, no ano de 2011, o terceiro lugar (de um total de 31, ao lado do bairro de Oitizeiro) em número de homicídios da capital, 27. A partir de então houve uma redução nesses índices, trajetória que coincide com a instalação de uma Unidade de Polícia Solidária (UPS) em Mandacaru. No ano seguinte, 2012, o bairro caiu para a sétima colocação, com 23 crimes contra a vida; em 2013 chegou à oitava posição, com 19 casos.

Partindo dessa abordagem, queremos olhar para TV e os telejornais como um lugar por meio do qual enxergamos as dinâmicas sociais, e mais do que isso, o espaço para experimentação do mundo ao nosso redor, do cotidiano. Assistir televisão cria um repertório coletivo e também de partilha de valores e afetos num efeito de retroalimentação de ações no cotidiano, sobre o mundo.

## **Telejornais e a questão do repertório**

O telejornal é um gênero televisivo caracterizado pela articulação de diversas vozes que juntas contam uma história sobre o cotidiano. Compõem esse discurso desde as pessoas e entrevistadas nas reportagens, *links* ao vivo, etc., até os repórteres e apresentadores que conduzem o fluxo. Cada uma delas, com um ritmo, linguagem, tom e timbre de vozes diferentes, ajudam a compor e dar índices de veracidade à narrativa, como explica Machado (2001, p. 99-110).

Contudo, a organização e o direcionamento que é dado a essas falas são organizados e dirigidos pela equipe responsável pelo programa. Queremos apontar para o “modelo centralizado” de telejornalismo operado pelos programas policiais – para utilizar outra categoria sugerida por Arlindo Machado –, em detrimento de uma discussão sobre a ideologização dos conteúdos jornalísticos.

Quando se refere à centralidade, o autor fala de um produto de tom opinativo no qual o apresentador é capaz de escolher quais as vozes que entram e saem do telejornal, de forma que ele passa a organizar os enunciados. Não falamos aqui de um processo de edição de texto, da montagem das reportagens, mas sim do posicionamento desse profissional como âncora do programa, executando, por meio dos comentários que faz essa, essa seleção e sobreposição de vozes.

O telejornal ‘centralizado-opinativo’ é um produto que “baseia-se fortemente em mecanismos de identificação entre público e apresentador” (MACHADO, 2001, p. 110). No programa policial esse profissional assume o “papel” de âncora, e realmente se caracteriza como “ator”. Para Fachine (2008) todos os apresentadores executam uma performance no

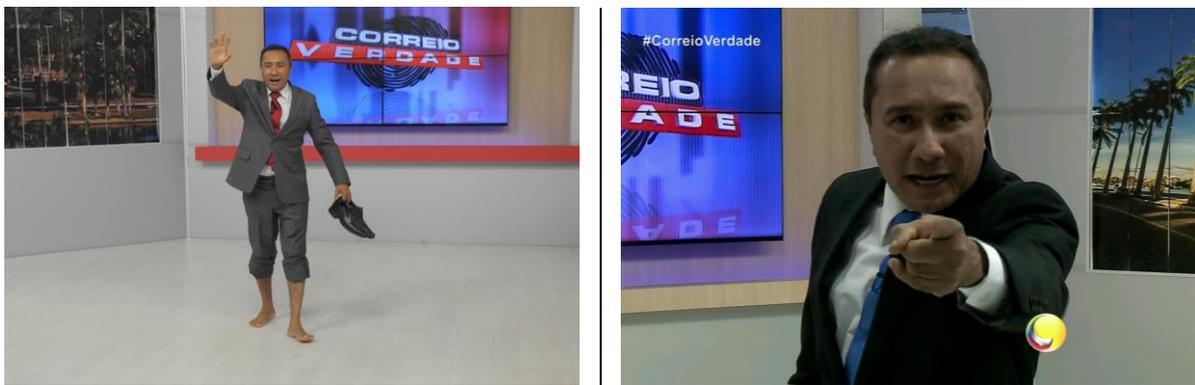
# 10º interprogramas de mestrado FACULDADE CÁSPER LÍBERO

palco do telejornal e no caso do tipo de telejornal que analisamos, eles o fazem assumindo a posição de um ‘apresentador-cúmplice’, que para a autora é aquele que:

(...) apela à afetividade e passionalidade do telespectador. (...) costuma adotar um comportamento mais informal e uma postura corporal mais relaxada. Seu gestual e mais espontâneo e menos contido, suas expressões faciais são usadas deliberadamente como forma de comentário. Sua entonação varia com frequência, sendo utilizada também para exprimir seus estados de alma, seja de comoção ou indignação. (FECHINE, 2008, p. 12-13)

Essa é, de fato, a forma de agir de Samuka Duarte a frente do Correio Verdade. Como podemos perceber na figura 1. Num dia de chuva em João Pessoa, ele encerrou o programa descalço e subindo a barra da calça, indicando o que fazia para evitar molhar a roupa no dia chuvoso. São marcas que apontam para irreverência do comportamento informal e gestual espontâneo, levantados pela autora. Na outra imagem aparece com o dedo em riste, comportamento com o qual costuma chamar atenção do telespectador para o assunto que comenta, demonstrando sua indignação.

**Figura 1:** Apresentador, Samuka Duarte, encerrando o programa e comentando reportagem.



**Fonte:** Reprodução de perfil no *Facebook* e *frame* capturado pelo autor durante exibição do telejornal.

Chamamos atenção para a cumplicidade aparente na performance do apresentador, porque a preponderância dele nos telejornais policiais é reconhecida na literatura que trata desse tipo de produto televisivo. Um trabalho que também analisou o Correio Verdade buscou compreender a experiência de moral e justiça desenvolvida pelos telespectadores do programa que o acompanhavam no estúdio da emissora. A autora Veloso (2013) identificou a existência de três grupos de pessoas, 1) as fãs de Samuka; 2) pessoas que se identificam com a visão de

**10º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**  
<http://www.casperlibero.edu.br> | [interprogramas@casperlibero.edu.br](mailto:interprogramas@casperlibero.edu.br)

mundo dele e acreditam que ele seja um cidadão indignado com a violência urbana e desigualdades sociais; 3) as pessoas que precisam de algum tipo de auxílio.

Já a pesquisa de Lana (2009) trata do telejornal Brasil Urgente e uma das entradas que a autora faz para analisar o programa é pelo “telejornalismo dramático”, que se caracteriza pela tentativa de se aproximar ao máximo da realidade.

Não basta relatar o crime, é necessário aproximar-se do acusado, ver seu rosto, ouvir sua voz, é preciso ver também de perto a cena do evento, mesmo que deserta, os objetos encontrados, a arma usada, ver e ouvir a vítima. Caracterizando como dramático o telejornalismo de *Brasil Urgente*, ressaltam-se suas operações de busca pelo concreto nos casos em que apresenta. (LANA, 2009, p. 43)

Para que essa operação tenha êxito, a performance desenvolvida na cobertura ao vivo assume função primordial na condução do produto televisivo, sendo que esse trabalho é realizado predominantemente pela figura do apresentador. Nessa aproximação a TV acaba por criar mundos próprios, representações que tomam a vida cotidiana como ponto de partida, mas que são ressignificadas na duração do programa.

Ao refletir sobre a televisão França (2006) também toca nesse tema. Para autora a TV “fabrica suas imagens e um mundo próprio” (p. 19), num movimento que se firma como conteúdo responsável por alimentar a vida diária, a rotina, as práticas cotidianas e que estende o mundo das audiências em aspectos, que passam tanto pelo vocabulário e linguagens, quanto a imaginários, juízos estéticos, etc. Dessa forma, ainda segundo a autora, a televisão contribui para uma formação identitária, uma unidade de grupo, já que cria referências comuns e partilhadas.

Lugar de prática, a televisão é, portanto, um lugar de experiência, da nossa experiência cotidiana. Fazer televisão, assistir à televisão não é algo externo, mas interno à vida social; o espaço televisivo não existe paralelamente às nossas experiências, mas é uma delas – com um fortíssimo poder de penetração nos demais âmbitos de nossa vivência. (FRANÇA, 2006, p. 33)

É a partir desse ponto de vista que nos preocupamos com a extensão do mundo a partir de um repertório de crimes e violência urbana, organizados por um apresentador que conduz o telejornal de maneira centralizada e opinativa. Não descartamos aqui o poder de ressignificação das audiências. Apontamos como problemáticos os encaminhamentos,

direcionamentos e endereçamentos feitos pelo telejornal policial na construção de um repertório, na recontextualização do mundo ao nosso redor.

## **Consumindo experiências**

“Televisão é fluxo” é o que nos ensina o trabalho de Fechine (2004). A programação organizada em grade, numa sucessão de arranjos que respeitam horários e dias da semana, de forma contínua, gravados ou ao vivo. Assim, cumpre um papel na experiência televisiva: o ritmo do cotidiano aparece sincronizado com o da TV, mas num fluxo que não comunica apenas conteúdos informacionais inseridos nos elementos de áudio e vídeo.

O que é transmitido pela programação de TV é composto, sobretudo por ‘afetos’. Elementos estéticos e sensíveis capazes de gerar pulsões, sensações e emoções, muitas vezes não compreendidas ou percebidas imediatamente, mas capazes de se sedimentar e estruturar como ideias na mente do sujeito (individual) ou mesmo de um grupo social (público). Ao oferecer uma recontextualização do mundo, ao favorecer a partilha de repertórios, o telejornal nos possibilita uma forma de experimentar o mundo ao nosso redor.

Quando discute o que significa ter uma experiência, Dewey (2010) fala que ela é resultado do contato entre o indivíduo e algo que lhe é externo no ambiente em que habita. É um processo, que se concretiza quando o indivíduo compreende pelo que passou e que ocorre continuamente, podendo significar uma torção no tempo vivido pelo sujeito. Cujo resultado imprime uma marca, que independe da intensidade. “Por mais efêmeros que sejam esses encontros estéticos, o senso comum lhe faz referência, o que indica que, de algum modo, tais encontros deixam marcas” (CARDOSO FILHO, 2011, p. 41).

No contexto do telejornal policial, as pequenas e efêmeras doses de vida cotidiana são intensificadas pela repetição diária dos temas. Se a experiência se desenvolve como processo, o eterno retorno a conteúdos “centralizados e opinativos” apontam para a extensão de um mundo comum, numa partilha de sentidos e valores sobre um mundo particular: o da violência urbana, impregnado de dicotomias do tipo certo x errado, bom x mau, que se materializam nas concepções de bandido x trabalhador e bandido x policial.

Para teoria do consumo, é a partir dessa prática que “definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos com que nos integramos e nos distinguimos na sociedade” (CANCLINI, 1995, p. 21). A ação de escolher determinado programa, em detrimento de outro, mais do que uma opção por necessidade ou juízo estético, é a atribuição de um valor. Essa atitude é distintiva, cria grupos de referências comuns. E esse tipo de conduta é um dos aspectos que nos inquieta na relação do público com o programa Correio Verdade.

Que tipos de usos e valores estão sendo definidos nessa experiência de consumo midiático? Acreditamos que o que está em jogo é muito mais do que uma relação de “polícia e ladrão”, mas sim uma questão de cidadania. Tendo como ponto de partida o fato de que também é por meio do consumo privado que os indivíduos substituem, ou superpõem atribuições que deveriam ter o Estado como seu principal executor (CANCLINI, 1995).

Diariamente os meios de comunicação reforçam a imagem de que por meio deles os problemas do dia a dia podem ser resolvidos. Essa postura perpassa questões variadas, desde temas domésticos e comunitários, a direitos civis e questões de violência urbana. Os programas assumem a posição de “ouvidorias” dos serviços públicos e com o Correio Verdade não é diferente.

Em se tratando de consumo, também é necessário ter em vista que o significado dos produtos é socialmente partilhado, ele está na cultura. Não que o valor atribuído seja o mesmo, mas quando nos referimos a determinado produtos, os integrantes de um grupo social, que partilhem um contexto, compreendem do que se está falando, seja um programa de TV, ou um carro importado, um tênis falsificado, etc. Sendo assim, o efeito distintivo provocado pelo consumo, só é garantido porque os bens são capazes de nos fazer pensar, eles formam um sistema comunicativo (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2006).

Tudo isso porque como também reforçam os autores, ‘os bens são a parte visível da cultura’ (Idem, p. 114). A escolha por determinados produtos refletem posições e pontos de vista sobre o mundo. As opções de gosto também podem carregar juízos éticos e estéticos. Quando coletivamente partilhados, esses significados são capazes de comunicar, e só dessa maneira, também podem fazer sentido para os mais diversos indivíduos e agrupamentos. Essa

competência comunicativa impulsiona o pensamento, forma grupos e os distingue com gostos, interesses e opções próprias.

## **Uma interpretação possível**

Neste trabalho optamos por não identificar os nossos interlocutores. Alguns não permitiram a divulgação dos nomes, assim, avaliamos mais produtivo um tratamento único. Aqui eles serão indicados aqui como “entrevistados” e com a referência à família que integram (1 ou 2). Nossa análise vai tematizar os seguintes temas para compreender as relações entre o telejornal policial Correio Verdade e suas audiências: 1) aspectos visões sobre o programa, 2) violência urbana, 3) política e 4) família.

Em relação à pergunta sobre os motivos pelos quais os interlocutores gostam do programa, há o reconhecimento de que por meio do telejornal é possível se informar sobre a rotina da cidade. É interessante pensar que a informação sobre casos de violência urbana se sobrepõe aos outros temas, como cultura, política, economia, que também constituem a rotina da cidade. Como exemplificada abaixo:

*Mas ele relata, muito, o que acontece no dia a dia, né? O que tá acontecendo no bairro, na cidade, até no estado da Paraíba. Então é bom pra gente ficar atento com as coisas que estão acontecendo ao nosso redor. (Entrevistada 3 – Família 1)*

A necessidade de se informar é superior aos maus sentimentos que brotam da interação com o Correio Verdade. Alguns interlocutores relataram que, a partir do contato com a realidade mediada pela TV, sentem tristeza, pena e/ou medo dos personagens que aparecem no programa. Mesmo assim, enfrentam essa angústia porque julgam como sendo importante acompanhar esse dia a dia. O conteúdo das entrevistas que aparece entre colchetes “[ ]” se refere à interversões do autor na conversa:

*Só acho ruim quando passa os povos mortos. Porque só o que passa na televisão mais, mesmo é gente morrendo, o povo matando. [A senhora acha ruim, mas é o que mais passa?]*

*É! [Aí como é que a senhora faz?] É... Tem que assistir. Que é para eu ver, o que acontece. (...) Eu tenho pena deles, quando eu vejo eles mortos. Por bandido que seja, mas a pessoa tem pena. (...) Porque são humanos. Aí eu tenho pena deles. (Entrevistada 2 – Família 2)*

É interessante pontuar, que a sensação de pena em relação aos mortos se dá como que ‘a revelia’ da proposta do programa, já que nele os criminosos não são apresentados como seres humanos. Quando essa contextualização aparece é a partir de terceiros: parentes tristes pela conduta do indivíduo, por exemplo. Ainda em relação ao ‘por que’ assistir ao programa, há também o reconhecimento pessoal à figura do apresentador.

Mesmo entre aqueles interlocutores que não se compadecem dos bandidos presos ou mortos, parece haver um princípio moral de respeito, que não se aplica necessariamente a quem comete práticas ilícitas, mas ao próprio telespectador, que não quer assistir um show de provocações sem controle ou pudor.

*[Por que o senhor gosta de assistir ao Correio Verdade?] Essa é fácil demais. Porque é de Samuka. É porque tudo que ele diz é positivo e ele é correto porque não maltrata ninguém. Só faz para o bem. (Entrevistado 1 – Família 1)*

Além desse aspecto, na relação com o programa há uma valoração da prática diária de aconselhamento desempenhada por Samuka Duarte. Os interlocutores demonstram que autorizam essa postura em função de uma carência atual das famílias, diante da série de tragédias que diariamente acometem a população jovem.

*O que acontece com eles que morrem, que perdem a vida e os pais aconselha tanto e ninguém quer nada com nada. (...) Eu gosto é dos conselhos que ele dá, que ele não queima a pele de ninguém né? (Entrevistada 2 – Família 2)*

O papel da política na sociedade atual é outro tema que atravessa a relação entre audiências e telejornal. No programa, a política é apresentada a partir de uma conduta ineficiente dos seus executores. Essa falta de eficiência é mostrada como sendo a responsável

por toda fragilidade e todos os problemas sociais existentes no país. As leis são consideradas antigas e descontextualizadas.

*Para mim, político para mim, nenhum me serve. Tudo é uma coisa só. Só tem só conversa. Antes da política, antes do dia. Depois que ganha, a gente fica na mesma. Aí para mim... Político não influi nada. [Não contribui.] Não. Só contribui para eles. Mas para a pobreza, para aquele que precisa mais... Tudo na mesma. (Entrevistado 1 – Família 2)*

A visão do programa relacionada a uma inação política é acompanhada também do reconhecimento de uma ineficiência dos órgãos de Estado em relação às questões de políticas públicas. No que tange, principalmente casos de violência urbana e sua estrutura de atendimento e prevenção (delegacias, policiais, hospitais, etc.). Nesse contexto, a confiança na prática jornalística cresce em detrimento da desconfiança na política e nas funções do Estado.

Sobre o tema da violência urbana, há certo consenso entre os interlocutores de que a situação atual é insuportável, que hoje se vive um caos, em detrimento de um saudosismo dos que consideram o ‘antigamente’ como um período melhor. Contudo, essa paz se relaciona muito a uma ação repressora dos aparelhos de estado, baseia-se em ‘bandido ter medo da polícia’, ou mesmo ter medo de ser preso. Em geral, há uma crença de que as penitenciárias funcionam como espaço de ‘formação de criminosos’, associada a uma ideia de espaço de lazer e conforto.

*Pra que é? A cadeia... Somente para dar prejuízo e fazer bandido. Porque o bandido vai hoje. Passa um mês, se solta. Se acostuma, no outro mês quer passar dois meses, três. Quando der fé, vira bandido de uma vez. (Entrevistado 1 – Família 1)*

Como tema central na dinâmica do telejornal, a família também foi abordada na entrevista com os interlocutores. Há em geral a afirmação de que ela é responsável pelo caráter e formação dos filhos, o que incluir ‘aconselhar para o bem’ e impedir que os jovens

se tornem autores ou vítimas de crimes. Mas por outro lado, há uma sensação de que atualmente essa estrutura se tornou ineficiente.

*Se você tem uma família estruturada, uma família que te leva para o conselho, para aquela convivência realmente na harmonia no amor, então eu acho muito improvável que você chegue a querer as coisas do mundo, que é questão de sair para beber, para pegar, ter a curiosidade de conhecer drogas. (Entrevistada 3 – Família 1)*

Para os interlocutores, as causas desse problema são diversas: relacionam-se a uma compreensão de que as estruturas oficiais, tais como Conselho Tutelar, protegem em demasia as crianças e adolescentes. De modo que não é mais possível ‘educar como antigamente’. Assim como uma ‘rebeldia generalizada’, ou seja, os filhos simplesmente não respeitam, obedecem, nem escutam mais os seus pais. Como essa dissolução da família é compreendida como um fenômeno atual, as experiências pessoais, ou seja, a forma como os próprios interlocutores foram criados ou criaram os próprios filhos, recebem aprovação. O modelo correto e eficiente é o que foi experimentado por eles.

## **Conclusão**

O consumo dessas experiências é mobilizadora e comunica uma série de juízos sobre temas importantes para a sociedade. Telejornais policiais apresentam representações de mundo em áreas estratégicas e sensíveis. De forma que a sua conduta padrão como um produto “centralizado e opinativo” é no mínimo perigosa. A temática da violência urbana exige multiplicidade de vozes.

Acreditamos que a principal falha desse tipo de produto midiático é não favorecer um debate e a contextualização dessas questões, mas sim reforçar essas ideias num discurso que, muitas vezes, se baseiam em estereótipos. Nesse sentido a atuação da mídia nos parece mais explicativa do que compreensiva e vivendo sob um clima de insegurança constante, talvez as audiências necessitem mais de uma informação compreensiva para poder fazer seus julgamentos e formar suas opiniões.

O ato de assistir ao fluxo televisual não se faz de maneira passiva, ou sem uma leitura que parte do repertório pré-existente dos interlocutores. Enquanto acompanham o telejornal Correio Verdade, as audiências apontam para diversos temas, cujas reflexões partem da própria experiência, mas encontram eco na reinterpretação do mundo feita pelo programa. Esse processo é contínuo ao longo do dia, enquanto os interlocutores constroem suas redes de relacionamento nas quais também partilham valores. Assim como também é renovado a cada dia, numa nova edição do telejornal.

Com isso queremos reforçar a ideia de que assistir televisão é mais uma das atividades e experiências na rotina das pessoas. Atividade que muitas vezes se desenrola enquanto outras acontecem. E que nesse desenrolar habitual, também contribuem para formação de um repertório de mundo. Conjunto de afetos/ideias que é partilhado e se torna comum entre o público que acompanha o fluxo e se liga que dele se desprende.

## Referências

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARDOSO FILHO, Jorge Cunha. Para “apreender” a experiência estética: situação, mediações e materialidades. **Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 40-52, 2011.

DEWEY, J. Ter uma experiência. In: \_\_\_\_\_. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

FECHINE, Yvana. **A nova retórica dos telejornais: uma discussão sobre o *éthos* dos apresentadores**. Trabalho apresentado ao GT Estudos de Jornalismo do XVII Encontro da Compós. São Paulo, 2008.

FRANÇA, Vera. A TV, a janela e a rua. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Narrativas televisuais: programas populares na TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LANA, Ligia Campos de Cerqueira. **Para além do sensacionalismo: uma análise do telejornal Brasil Urgente**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

# 10<sup>o</sup> interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

VELOSO, Wanessa Souto. **'Verdade e Justiça' ao meio dia**: a construção da experiência moral num programa de TV. 2013. 109 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida. *In*: \_\_\_\_\_; MOTA, C. L.; PORCELLO, F. A. C. (Orgs.). **Telejornalismo** – A nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.